



# ANARRIÊ NESSA QUADRILHA: o corpo brincante petrificado

## **ILA NUNES SILVEIRA**

**Autora principal. Psicóloga; doutoranda em Artes Cênicas pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal da Bahia (UFBA); Mestra em Psicologia pelo Programa de Pós-graduação em Psicologia - UFBA; Especialista em Filosofia Contemporânea pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS); e Especialista em Psicomotricidade pela UNIFACS - Universidade Salvador.**

## **DENISE MARIA BARRETO COUTINHO**

**Coautora. Psicóloga; Doutora em Letras e Linguística pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Docente permanente do Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas (UFBA) e colaboradora no Programa de Pós-graduação em Psicologia (UFBA). Lidera o Grupo de Pesquisa Interdisciplinar CONES - Modelagem da Complexidade em Artes, Humanidades e Saúde (UFBA).**

## **RESUMO**

Este ensaio pretende apresentar a experiência de artistas de quadrilhas juninas em Feira de Santana-BA no momento da pandemia de covid-19. Primeiramente, a proposta foi desvelar o título. Em seguida, narram-se experiências do corpo brincante em plena pandemia e compartilham-se as facetas criadas por brincantes de quadrilha junina, como estratégias para mover esses corpos. Para referendar essas narrativas, foram escolhidos teóricos, filósofos e pesquisadores que versam sobre temas como arte, virtualidade, cultura popular e corporeidades, como: Luciana Chianca; Luís Cláudio Figueiredo; Mikhail Bakhtin; Oswaldo Barroso; Pierre Lévy e Suely Rolnik. Por fim, conclui-se que a experimentação do corpo nunca cessa, pois não há possibilidades de esgotar suas potencialidades. Portanto, para desvelar o desconhecido, é preciso viver, mover-se, brincar e jogar com a vida.

## **PALAVRAS-CHAVE:**

Corpo brincante. Movência. Pandemia de covid-19. Quadrilha junina.

## **ANARRIÊ IN THIS QUADRILHA: THE PETRIFIED PLAYING BODY ABSTRACT**

*This essay aims to present the experience of "quadrilha junina" artists in Feira de Santana-BA during the covid-19 pandemic. First, we discuss the title of the essay. Then, we narrate kinesthetic and synesthetic experiences of the playing body during the pandemic and share facets brought about by "quadrilha junina" players as strategies to move these bodies. To endorse these narratives, we highlight theorists, philosophers and researchers who deal with themes such as art, virtuality, popular culture and corporealities, like: : Luciana Chianca; Luís Cláudio Figueiredo; Mikhail Bakhtin; Oswaldo Barroso; Pierre Lévy; Suely Rolnik. Finally, we conclude that the experimentation of the body never ceases, for there is no possibility of exhausting its potential. Therefore, to unveil the unknown, it is necessary to live, to move and to play with life.*

## **KEYWORDS:**

*Movement. Playing body. Covid-19 pandemic. Quadrilha junina.*



# INTRODUÇÃO

*Anarriê* é uma palavra adaptada do termo francês *en arrière*, que, traduzido para o português, significa *para trás*. Esse termo foi emprestado pela quadrilha junina brasileira para compor o vocabulário que dá os comandos dos passos dos e das brincantes. Quem dá a voz de comando é o marcador, e quando ele diz *anarrié*, os demais obedecem, recuando alguns passos e, assim, a brincadeira, o jogo de movências se faz.

Mesmo no momento em que se voltam alguns passos, ainda assim o/a brincante não paralisa, os pés batem firmes no chão, legitimando as memórias ancestrais do toré dos povos originários, marcando o corpo dançante brasileiro; os braços sobem em movimentos amplos, lembrando que também somos África. Somos tudo isso, compondo a identidade cultural de cada região específica deste país. Nesse vasto território de pluralidade cultural e artística, o recorte para falar da nossa pesquisa em Artes Cênicas concentra-se em torno da temática de quadrilha junina em Feira de Santana-Bahia no momento da pandemia.

Um momento singular e atípico na vida de brincantes, que, sem perspectivas de apresentações de quadrilhas juninas nas ruas e nas quadras, convertem seus corpos dançantes em pedra, uma transformação profunda e inesperada. Cada passo, um movimento pétreo, a alegria que congela, a folia em mármore. O que se esculpe dessa rocha? Que obra de arte se extrai dessa matéria bruta?

Para os leitores ainda não familiarizados com essa linguagem artística, que é a quadrilha junina, ela se aproxima da dança nascida na Normandia, zona rural da França, a qual tem sua gênese de fato na Inglaterra. Na Inglaterra, ela se chamava *campesine*, uma dança popular constituída por pares de até oito casais, distribuídos num quadrado em que esses casais se tocavam apenas com as mãos e braços entrelaçados, em alguns momentos havendo trocas de casais num movimento de ciranda que se encerrava quando os casais originais se reencontravam. A Normandia importou os passos da dança inglesa, tornando-a então tradição da elite. Na França, ela passou a se chamar *quadrille*, mas a dinâmica cênica permaneceu a mesma da *campesine* (Ribeiro; Nogueira, 2016).

Algumas características da quadrilha francesa se mantiveram no Brasil. Os nomes de alguns passos permaneceram com pronúncia francesa, assim como os vestidos cheios de adereços e



o contexto religioso ligado à colheita na agricultura (Rangel, 2008). Mas esse processo passou por metamorfoses e, apesar da origem estrangeira, não é ela quem permanece. A transmutação dessas características mostra o sinal da brasilidade e aponta para o que seria a nossa quadrilha junina. É fácil a compreensão de que a quadrilha junina brasileira é genuína, é vernácula. Sobre essas transformações que construíram a originalidade da quadrilha junina brasileira, Chianca diz o seguinte:

O que explica esse deslocamento simbólico é o fato dos políticos e as implicações culturais das mudanças de poder do Brasil republicano, quando os costumes do período colonial e imperial foram desprezados pelas camadas burguesas urbanas citadinas vão provocar novos deslocamentos à quadrilha. Provavelmente, nesse momento, a quadrilha teria sido abolida das festas dos cidadãos ricos, continuando a ser dançada pela população mais distante dos grandes centros urbanos e interioranos (Chianca, 2007, p. 50).

A quadrilha, que passou a ser nossa, deixou de ser da corte carioca para a zona rural e destas para as cidades; foi chamada também de *dança do minueto*<sup>1</sup>, a dança de passos miúdos, graciosos e delicados. Nela foram incluídos os santos religiosos portugueses, a encenação do par de noivos num casamento cômico, satirizando os casamentos forçados muito frequentes no passado. As expressões francesas também ganharam uma fonética abrasileirada, popularizando o uso do vocabulário como os termos: *alavantu* do francês *en avan tout*, que significa “todos para frente” e *anarriê* do francês *en arrière*, que significa “para trás” (Ribeiro, 2002).

A dança continuou marcada como já acontecia na *quadrillé*<sup>2</sup> francesa. Quando se fala de dança marcada, dizemos que existe uma relação entre o movimento e a música, numa noção de ritmo e tempo. Ritmo, que vem da palavra grega *rythmós*, significa movimento ou fluxo regular. Para Andrade (1999), ritmo é toda e qualquer disposição ordenada do movimento dentro do tempo; não só faz parte da música, como também é o elo entre esta e o movimento. A autora acrescenta que, na organização métrica do ritmo, o pulso é o elemento primário, é a marcação que se repete constantemente e por isso ela é a mais importante. O pulso na dança é o que a torna marcada.

Conservando essa marcação, a quadrilha junina tomou a proporção de uma festividade que se tornou tradição no Nordeste do país e se difundiu por todo o Brasil, ganhando especificidades e

---

**1** Minueto, derivada da palavra *menuet* da França e adaptada do *minuetto* da Itália, significa “atraente” e refere-se à dança caracterizada por passos *miúdos*, de compasso 3/4, delicada ao toque dos parceiros, com movimentos delicados e graciosos e no geral uma performance alegre.

---

**2** Segundo o Dicionário Larousse francês-português (2005), a palavra francesa *quadrillé* [Kadrije] traduzida em português significa “quadrículado(a)”, que dá a ideia da figura geométrica de um quadrado.



se organizando em categorias. De acordo com Barroso (2012), quadrilhas juninas são encenações coletivas contendo uma estrutura própria de espetáculo: música, dança e dramatizações executadas por brincantes, liderados/as por um mestre a quem os/as brincantes devem obediência.

É com essa mesma estética e dinâmica cênica que a quadrilha junina se apresenta em Feira de Santana. Mas, no período de pandemia, essa atmosfera mudou. O/a brincante se viu sem movências, paralisado/a, sem o toque na mão do seu par, sem a grande roda de tantos dançarinos e dançarinas congregando a mesma euforia que vibra na frequência da sanfona, do zabumba e do triângulo, sem as palmas e a energia do público que se deixa ser convocado, atraído pela estética dos figurinos, o brilho das luzes e as coreografias exuberantes.

Uma infinidade de carências naquele momento histórico de pandemia, em que vivíamos, todos juntos e mundialmente, o temor da morte. Um ter que parar, confinar, isolar, distanciar, petrificar. E, para o/a brincante, foi um passo para trás na quadrilha!

Anarrié! Uma interjeição que ecoou nos quatro cantos do Brasil, reverberando no universo de quadrilha junina e refletindo no cenário dessa cultura popular em Feira de Santana-BA. Se recuamos, é porque a pandemia deu voz de comando. Sentimos o corpo paralisar, mas subvertemos essa ordem para continuar a dança. Agora é preciso compartilhar essa movência vivida por brincantes e profissionais dessa arte cênica.

---

## O CORPO PETRIFICADO

Sem a rua, sem o par, sem a anágua que rodopia, sem o chapéu para reverenciar o público que nem havia, foi esse o cenário na pandemia de covid-19 em 2020 e 2021. O brincante e a brincante não brincaram e sentiram o corpo virar pedra. O peso do confinamento tirou a leveza dos movimentos e o êxtase deu lugar à estase; tudo parou e na veia não corria mais o sangue de quadrilheiro/a. O que fazer para não “surtar”? Publicizar a



dor de não dançar? Sublimar, essa é a via da transformação, transcender o corpo físico e tornar sublime o que se pode mover. O desafio está no como se move quando se está recluso.

A nossa existência é definida ontologicamente pela convivência. Isso é o que nos diz o filósofo francês Nancy (1991) quando evidencia que a relação entre pessoas é o que há de mais real. Estar no mundo é estar numa relação contínua com os outros. Podemos estar abertos ou fechados aos encontros, ainda assim será um encontro. Mesmo que o encontro seja desencontrado, haverá sempre alguém disponível às afetações. Mas, num espaço contido e num tempo que paralisou, só resta a moldura da janela para avistar o que está do outro lado e a moldura da tela da televisão, do celular e do computador para deixar entrar o que vem de fora. É com essas ferramentas, principalmente as virtuais, que o corpo se anima e (r)e(x)(s)iste.

O universo virtual, na concepção de Lévy (1996), possui um dos principais vetores da criação da realidade cuja sincronização substitui a unidade de lugar, e a interconexão, a unidade de tempo. O filósofo e autor do *Cibercultura* (1999, p. 47) assegura que “é virtual toda entidade ‘desterritorializada’, capaz de gerar diversas manifestações concretas em diferentes momentos e locais determinados, sem estar ela mesma presa a um lugar ou tempo em particular”.

Se a virtualidade já era um mundo conhecido e decifrado por artistas de quadrilha junina, agora se tornou uma porta de entrada indispensável para a criação e uma porta de saída para a difusão da arte e da cultura. Essa foi a possibilidade reinventada com o propósito de continuar existindo no lugar de prazer, ao passo que continuava resistindo a mais uma contingência antagônica. Os acontecimentos da vida surgem sem um aviso prévio que possa suscitar em nós um plano de ações, sendo o imprevisto a tentativa de lidar com o real. Devemos jogar com o que a vida joga para nós, sabendo que tudo é apenas uma aposta, e nada é uma garantia. Sobre essa perspectiva de viver novas experiências, novas relações e recriar ações transformadoras que vetorizam os corpos, Suely Rolnik (1993) dirá que:

[...] o que há é uma textura (ontológica) que vai se fazendo dos fluxos que constituem nossa composição atual, conectando-se com outros fluxos, somando-se e esboçando outras composições. Tais composições [...] geram em nós estados inéditos [algo que] nos desestabiliza e nos coloca a exigência de



criarmos um novo corpo – em nossa existência, em nosso modo de sentir, de pensar, de agir etc. (Rolnik, 1993, p. 2).

É das marcas que a autora fala, das ações inéditas que são engendradas quando os fluxos dos nossos corpos são afetados por outros fluxos. Desse modo, a ideia de um corpo petrificado, enrijecido e estático pulveriza e irrompe a noção de um corpo vibrátil, potente e capaz de forjar metamorfoses. Não é da natureza do/a artista se conformar em um tempo ou espaço. Se a arte tem uma gênese, ela sem dúvida é a subversão<sup>3</sup>. A arte não subverte pelo simples desejo de andar na contramão, mas porque transitar no contrafluxo faz todo sentido e a mantém viva. Recriar o ordinário da vida, espetacularizando o trivial ou tradicional Cotidiano, é um ato transgressor.

Foi o que Mikhail Bakhtin (1987) chamou de realismo grotesco ao falar da cultura popular. Para o autor, a arte vinda organicamente da linguagem humana se eleva à qualidade de renovação; ela dá limite à vida real, fazendo uma barra na dureza sofrida pelas classes populares, tornando os corpos deformados, marcados pelo sofrimento, pelo ridículo, pelo nojo e a repulsa, num corpo lúdico e risível. Sem perder a composição real do corpo, ele aparece festivo e utópico, ganhando uma estética transformadora.

Nessa perspectiva regeneradora, brincantes de quadrilha junina subverteram o espaço confinado, o tempo que parecia estacionado, os aplausos silenciados e os corpos petrificados. Para além dos muros físicos, os simbólicos foram demolidos, brincantes se jogaram com a única chance que a vida jogou para eles: o virtual.

No enquadre da tela, os corpos brincantes dançaram, cada um de suas casas, os pares foram montados lado a lado, a borda da janela cibernética era o limite. Mesmo à distância, o espírito coletivo continuava nessa reinvenção que foi o Arraiá Virtuá de muitas quadrilhas juninas. Foi um São João diferente, contado e musicado na composição de Ferreira Filho e Rômulo Santaráy (Santos, 2020):

[...] em seus lugares todo mundo nos seus lares, uma fogueira pelos ares distantes nessa união, as bandeirinhas penduradas nessa rede, um sinal que vai subindo cada instante meu balão. Alavantu pra tu, anarriê pra eu, tu no seu canto e eu dançando aqui no meu. Vontade voa e a saudade cria asas, vai ter São João, mas cada qual na sua casa [...].

---

**3** É importante explicitar que a subversão aqui colocada como o princípio da arte se refere à capacidade de parafrasear a vida cotidiana, atribuindo o aspecto extraordinário aos fatos diários de uma vida simples, corriqueira e sem qualquer atrativo estético aos olhares humanos, como grafar rituais de caça numa pedra. A arte provoca um efeito estético que busca a contemplação de quem passa por ela. Não tomemos, por essa definição, a ideia de que a arte, por ser subversiva, tem uma raiz libertadora. O teatro jesuíta, apesar de ascender a vida real à linguagem artística, não foi libertador; ao contrário, foi utilizado para docilizar, domesticar e catequizar os povos originários.



A ideia de casa cabe bem para entender o corpo enquanto morada, habitáculo. Vencendo a dicotomia cartesiana, o corpo é o espaço que se funde ao tempo para viver de modo diferente e inaugural as experiências a cada instante. O devir corpo na pandemia conheceu o *páthos*, no seu sentido mais profundo de sofrimento, paixão e afetos. Por uma razão óbvia, a de estar lançado num mundo tão grande, mas como um corpo cativo. Sentindo a falta do coletivo, ele quebrou os grilhões com os movimentos possíveis de se fazer nos anos de 2020 e 2021. Figueiredo (2004, p. 71) é quem pode dizer do movimento resultante da relação casa, corpo e o habitar:

[...] mas o habitar sereno e confiado deve ser visto também como condição do trabalhar, ou seja, do apropriar-se pelo trabalho dos elementos naturais do mundo “lá fora” de forma a que, pouco a pouco, relativamente livres de uma pura dissipação, eles também se convertam em habitação, alimento e gozo. Finalmente, é no relativo distanciamento dos acontecimentos do mundo “lá fora”, propiciado pela habitação, que podemos desenvolver nossas capacidades cognitivas, tanto na via do conhecimento representacional, calculador e científico, como na do jogo e da criação, como na da meditação filosófica. O habitar sereno e confiado é assim também a condição do pensar, do representar, do brincar e do experimentar, exatamente porque o abrigo da casa nos dispensa uma acolhida que nos dispensa de maiores esforços [...].

---

## AS MOVÊNCIAS NA PANDEMIA

---

Embora pareça um paradoxo pensar a liberdade em plena pandemia, a ideia de um corpo relativamente livre quer dizer que há sempre um lugar acolhedor para que ele possa se expressar do jeito que der, no único espaço que estiver disponível. O primeiro lugar foi sem dúvida o corpo, esse que acolhe os desejos, as sensações, as criações dos movimentos, discursos e expressões. O segundo lugar foi a própria edificação onde tudo isso pode tomar forma e ser executado, é o espaço concreto e de concreto. É nesse espaço onde o



corpo se sente acolhido por não ser julgado quando dança. O terceiro lugar foi o virtual, um espaço possível para os reencontros de corpos distantes. Mesmo separados por uma tela intransponível dos toques físicos, os corpos driblam essa barreira e simulam as sensações táteis. Foram esses os três lugares de resistência do brincante de quadrilha junina na pandemia. Despontaram as *lives*, os espetáculos virtuais, as oficinas online, as fotos e os vídeos nas redes sociais. Tudo isso como estratégia de manter uma conexão com as pessoas para além das nossas casas e principalmente de manter vivo movimento junino.

Com esse pensamento, o artista, figurinista e coreógrafo de Feira de Santana, Noy Rodrigues, com o apoio do seu ateliê de costura N e R Linhas, idealizou e criou o Concurso de Brincantes em 2021, contando com a colaboração de André Coimbra e Cristiano Cordeiro. Foi uma gota de chuva no sertão. Foi uma forma gradativa de retornar com segurança à quadrilha junina. Nesse concurso participavam apenas casais de brincantes da Bahia, foram inscritos os casais e sorteados em dois grupos – A e B. No grupo A, os casais: Muriel Assis e Roberto Araújo, da cidade de Feira de Santana; Tainan Ribeiro e Suellen Mascarenhas, da junina Cia da Ilha, de Salvador; Lucas Santiago e Nunes, de Feira de Santana; Daniela Santana e Cleiton Santos; Mari Falcão e Ed Veloso, de Feira de Santana; Islan Rosa e Cléo Viana, da junina Cia da Ilha, de Salvador; Davisson Nascimento e Janaína Oliveira, de Sumbaúma; Yuri Silva e Letícia dos Santos, de Salvador; Suzani Neves e Luciano dos Santos, da junina União de Ouro, de Feira de Santana. No Grupo B, Lole e Marcos Pedro de Paulo Afonso; Flávia Santana e Jeferson Santos, da junina Flor de Caju, da cidade de Acajutiba; Jaíne Carvalho e João Pedro Santos, do Saudade Nordestina, de Inhambupe; Anne Lima e Júnior Dias, de Feira de Santana; Francine Conceição e Jeferson Melo, de Dias D'ávila; Carine Santos e Sidalvan Lima, da junina Pisada do Sertão, de Pedro Alexandre; Rafaela Souza e Everton Moreira, de Feira de Santana; Luciano dos Santos e Suzani Neves, de Feira de Santana; Grazi Santos e Ed Santos, de Salvador.

O concurso foi realizado em três etapas: eliminatória, semifinal e final, no período compreendido entre 16 de maio de 2021 e 20 de julho do mesmo ano. Uma vez feita a inscrição do concurso, os brincantes deveriam gravar miniespetáculos através de vídeo com até cinco minutos de duração, contendo o barema referente à dinâmica espetacular de quadrilha junina: roteiro contendo história do casal de brincantes, desenvoltura e elegância, coreografia, montagem do cenário, entrosamento entre o casal, figurino, simpatia e animação.



Dos dezoito casais inscritos, apenas seis iriam para a etapa da semifinal, de modo que os cinco primeiros seriam os casais de maiores escores na apuração das notas atribuídas pelos jurados técnicos e mais um casal seria escolhido pelo júri popular. Os cinco casais votados pelos jurados técnicos foram: Anne Lima e Júnior Dias, de Feira de Santana, brincantes independentes; Rafaela Souza e Everton Moreira, casal independente da cidade de Feira de Santana; Mari Falcão e Ed Veloso, da junina União de Ouro, de Feira; Islan Rosa e Cléo Viana; Yuri Silva e Letícia dos Santos.

Para essa etapa, o corpo de jurados foi composto por grandes referências do movimento junino do Brasil: Perácio Gondim, educador na escola de dança Paço do Frevo e no Museu Cais do Sertão, em Pernambuco; Leila Nascimento, coreógrafa da quadrilha junina Raio de Sol, de Pernambuco; Ricardo Angeiras, ator e teatrólogo da Cia de Teatro Fiandeiros de Teatro, de Pernambuco.

Além do júri técnico, o corpo de jurado também foi o povo, que escolheu o casal de brincantes da sua preferência. Era mais uma estratégia do concurso em convocar as pessoas para o novo momento que se inaugurava aos poucos, depois de quase dois anos de restrição do convívio entre as pessoas em espaços públicos. O povo queria ver as quadrilhas juninas e as quadrilhas queriam ser vistas. Ainda não era o momento de reunir os tantos pares de brincantes de uma quadrilha, nem de juntar uma grande plateia. Mas já era possível reunir pessoas usando máscaras em pequenas aglomerações e unir poucos pares de casais de quadrilheiros. Era o povo sedento de contemplar os corpos dançantes e os brincantes transbordando a euforia de dançar. Como “a voz do povo é a voz de Deus”, não houve quem contestasse esse júri apaixonado e crítico. Por esse crivo, foi escolhido o casal Suellen e Tainan.

Era o momento da última etapa, a grande final do concurso no teatro da Câmara de Dirigentes Lojistas - CDL, em Feira de Santana. Os casais deixavam as telas dos seus computadores e celulares, para viver, sem os ruídos da comunicação audiovisual e sem *delay*<sup>4</sup>, a necessidade de se comunicar presencialmente através da linguagem da dança. Os casais dançaram o mesmo repertório dos vídeos enviados. Foi uma noite dos cinco melhores espetáculos. O jurado técnico agora eram: Ísis Carla, dançarina, cantora e coreógrafa de Salvador; Márcio Fidélis, dançarino, pesquisador e coreógrafo de Salvador; Marcos Cerqueira, dançarino e coreógrafo de Feira de Santana. Lá estava o júri com os olhos atentos a todos os movimentos, à performance executada com elegância, à cumplicidade cênica entre os casais, ao figurino contextualizado no roteiro, à triangulação entre a cena, os dançarinos e a plateia. Eis que é chegada a hora de saber

---

<sup>4</sup> *Delay*, termo em inglês que significa “atraso”, representa a diferença entre o tempo que se envia a mensagem e o tempo em que foi recebida.



quem são os três casais mais bem votados. São eles: 3º lugar, Rafaela e Everton; 2º lugar, Cléo e Islan; 1º lugar, Suellen e Tainan. A premiação, em dinheiro e troféu, foi entregue respectivamente por: Juju Araújo, coreógrafo; Roberto Franklin Menezes, presidente da Federação de Quadrilhas Juninas da Bahia-FEBAQ, e Noy Rodrigues, idealizador desse primeiro concurso de Brincantes de Quadrilhas Juninas da Bahia.

No final de tudo, o choro veio pra inundar aquele sertão, mas foi de emoção, através da voz embargada do apresentador André Coimbra, conhecido pelo codinome “Mainha”. Suas palavras sinceras tocaram os quadrilheiros participantes do concurso e as pessoas na plateia, um público repleto de brincantes que assistiam ao evento. As lágrimas eram a manifestação dos corpos sensíveis que ainda atravessavam uma pandemia, mas que já podiam dançar, celebrando o final de tempos difíceis, sofridos, dolorosos e de muitas mortes.

No discurso de André Coimbra, a dor de tantas perdas se misturava à gratidão de voltar a estar junto das pessoas e a esperança por dias cada vez melhores, dias em que a festa junina já não era mais um sonho distante, tratava-se de uma realidade que estava sendo desenhada. O trio de forró, que cantava e tocava o repertório de músicas de São João durante os intervalos do concurso, puxou uma canção antiga da quadrilha Treme Terra, de Feira de Santana, a composição de Xavier Jr. – o Xavito – em 2016. Essa foi a catarse necessária para mover os corpos petrificados, para animar as rígidas estruturas humanas numa descarga de sentimentos e emoções, numa euforia de corporeidades. E as vozes dos brincantes ecoam em uníssono atravessadas pela canção “Quadrilha não pode acabar”:

***Eu vi a terra tremer  
Eu vi a terra clamar  
Quadrilha junina de novo  
Quadrilha não pode acabar...  
[refrão]***

***Não deu outra, a terra tremeu  
Não deu outra, a terra tremeu 2x  
É uma folia de foguete na terra  
É uma folia de foguete no céu  
Guerra no ar e um gole de quentão  
Bata o pé com força no chão***

***[refrão]***



**Não deu outra, a terra tremeu**  
**Não deu outra, a terra tremeu (2x)**  
**Vem ver Gonzaga,**  
**Lampião e Vitalino**  
**Fazendo festa no meio do arraiá**  
**Abre uma roda e vem**  
**cair na brincadeira**  
**Pular fogueira e também**  
**ser meu par**  
**[refrão]**

**Não deu outra, a terra tremeu**  
**Não deu outra, a terra tremeu (2x)**  
**De Rei em Rei eu sou**  
**De Rei em Rei eu vou**  
**Eu sou quadrilha, Nordeste,**  
**eu sou do povo**  
**Eu sou o São João, meu amor!**  
**[refrão]**  
**Não deu outra, a terra tremeu**  
**Não deu outra, a terra tremeu (2x)**

(Xavier Jr., 2016. Quadrilha Treme Terra)

E foi nessa atmosfera de euforia que legitimamos a volta das quadrilhas em espaços públicos. Mesmo sabendo que esse retorno ainda seria gradativo e com muitas restrições, era possível vislumbrar novamente as ruas e as quadras enfeitadas e iluminadas, preparadas para tremer quando os brincantes batessem os pés.

---

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

---

Anarriê nessa quadrilha! Um passo para trás, mas sem perder a cadência da música. Embora a pandemia tivesse anunciado uma paralisia dos corpos brincantes, ainda assim, em seus lugares isolados, reclusos nas suas casas, quadrilheiros continuaram a bater firme o pé no chão, vibrando na frequência do desejo de se manter vivo e sustentando o desejo de manter viva a quadrilha junina.



Um momento difícil para brincantes que precisam das ruas para mostrar sua arte e necessitam do público espectador presente para comunicar uma mensagem. Além de tudo, a quadrilha junina se dá num coletivo, através do contato direto com o par e com tantos outros dançarinos, marcador e músicos que compõem o espetáculo dessa arte cênica. A pandemia retira a essência do ser brincante e paralisa a brincadeira, petrificando o corpo, fazendo dar um passo para trás nessa quadrilha. Mas o corpo que dança, o corpo que brinca, joga bem com o que a vida joga, neste caso, a pandemia. Então o corpo brincante subverteu e mostrou possibilidades de continuar (r)e(x)(s)istindo.

A pandemia no Brasil despontou em 26 de fevereiro de 2020. Os corpos, visivelmente petrificados pelas ações da pandemia, encontraram, no mundo virtual, nas *lives*, nos espetáculos de audiovisual, possibilidades criativas de continuar se movendo e mostrando sua arte. Somente em 20 de julho de 2021, e ainda com restrições e medidas de segurança, os brincantes puderam se encontrar presencialmente no Teatro da CDL, em Feira de Santana, para encerrar o Concurso de Brincantes, promovido pelo artista e figurinista Noy Rodrigues. Essa foi a primeira vez, depois da pandemia, que quadrilheiros se reuniram.

Nesse momento histórico para a cidade, ao entrar em contato novamente com as possibilidades de performar a arte de quadrilha junina, quadrilheiros/as deixavam-se capturar pela energia latente e inebriante da marcha essencialmente nordestina, que excitava cada gesto, cada traçado da dança, quebrando os grilhões do isolamento e da individualidade, elevando os corpos à sua condição máxima de purificação e leveza da alma.

Mesmo com a certeza de que nunca passaríamos uma borracha na história da pandemia, era certo que lembraríamos sempre desse momento para atestar que é fundamental considerar perdidos os dias em que não dançamos ao menos uma vez (Nietzsche, 2010).

As centenas de incontáveis dias em que não dançamos nessa pandemia trouxeram a sensação maximizada do que é ter o corpo tolhido e compactado num canto das nossas casas. Por mais acolhedoras que fossem elas, nenhum lugar é capaz de oferecer um sentimento de pertença como qualquer espaço onde se possa ter liberdade de voejar entre outros corpos enquanto se dança.



Somente em 2021, para os que sobreviveram à pandemia, já se podia respirar o alívio de que a quadrilha junina estaria de volta em breve. E para quem teve esse privilégio, conquistou a salvaguarda da continuidade de mover seus corpos, de jogar, de brincar, de viver.

---

## REFERÊNCIAS

---

- » ANDRADE, Mario de. **Dicionário Musical Brasileiro**. Rio de Janeiro: Itatiaia, 1999.
- » BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **Cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. Tradução de Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 1987.
- » BARROSO, Oswaldo. A quadrilha em sintonia com a comunidade. **Jornal O Povo**. Novo edital da Secult quer combater a carnavalização, 15 abr. 2012.
- » CHIANCA, Luciana de O. Quando o campo está na cidade: migração, identidade e festa. **Revista Sociedade**, Vol 10, N 01, 2007. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br>. Acesso em: 13 out. 2022.
- » FIGUEIREDO, Luís Claudio. Foucault e Heidegger. A ética e as formas históricas do habitar (e do não habitar). **Tempo Social; Rev. Sociol. USP**, S. Paulo, 7(1-2): 139-149, outubro de 1995.
- » LÉVY, Pierre. **O que é o virtual?** São Paulo: Editora 34, 1996.
- » LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.
- » NANCY, Jean-Luc. Of Being in Common. *In: Miami Collective* (Org.) Community at Loose Ends. Minnesota: University of Minnesota Press, 1991.
- » NIETZSCHE, Friedrich. **Assim falou Zaratustra**. Tradução de Mário da Silva, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.
- » RANGEL, Lúcia Helena Vitalli. **Festas Juninas, festas de São João: origens, tradições e história**. São Paulo: Publishing Solutions, 2008.
- » RIBEIRO, Heloisa. Rotas da fé: Festas Juninas. **Caderno Virtual de Turismo**, v. 2, n. 3, 2002, p. 24-35. Universidade Federal do Rio de Janeiro \_ Rio de Janeiro, Brasil.



- » RIBEIRO, Maria Alice Rosa; NOGUEIRA, Lenita Waldige Mendes. Música no ar ... Cachoeira, Santa Maria, Morro Alto e Saltinho. Teixeira Vilela, Hercule Florense e Carlos Gomes, Campinas, séc. XIX. *In: Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material*. 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-02672016v24n0202> scielo. Acesso em: 27 jan. 2022.
- » ROLNIK, Suely. Pensamento, corpo e devir. **Caderno de Subjetividade**, v.1 n.2:241-251. Núcleo de Estudos e Pesquisas da Subjetividade, Programa de Pós-Graduados de Psicologia Clínica, PUC/SP. São Paulo, set./fev. 1993.
- » SANTOS, Alcides. Mastruz com Leite divulga videoclipe da canção Arraiá Virtuá. **Diário do Forró**. 15 jun. 2020. Disponível em: [www.diariodoforro.com.br/artigo/mastruz-com-leite-divulga-videoclipe-da-cancao-arraiá-virtuá](http://www.diariodoforro.com.br/artigo/mastruz-com-leite-divulga-videoclipe-da-cancao-arraiá-virtuá). Acesso em: 17 set. 2023.